

Luzes e sombras da educação

CARLOS ALBERTO RABAÇA*

Um século intenso e convulsivo está chegando ao fim, marcado pelo avanço do conhecimento. Esse tempo será lembrado pela extraordinária revolução científica e pelas inovações tecnológicas que transformaram a natureza e alteraram a vida cotidiana. Mas o século que faz da técnica a principal força produtiva tem como base de sustentação eficientes sistemas educacionais, integrados a centros de pesquisa, públicos e privados. Essa é a realidade dos países classificados como desenvolvidos.

A gestação do século da ciência e da tecnologia se deve ao acesso obrigatório da população jovem ao ensino de 1º e 2º graus e, depois, a universidades de qualidade. Em muitos países, a boa utilização da escola pública, além de acabar com o analfabetismo, é também instrumento de socialização, proporcionando identidade cultural a milhões de cidadãos. As raízes da escola pública frutificam nas instituições universitárias, abertas a todos os segmentos sociais, oferecendo diferentes oportunidades a pessoas com distintas

vocações. Desse modo, a educação é a condição decisiva para o desenvolvimento científico, promovendo o progresso econômico e social de tantos povos.

Em nosso país, no entanto, neste fim de século, ainda nos deparamos perplexos com injusto quadro social, refletindo absurda desigualdade que atinge mais de 50 milhões de brasileiros abaixo da linha da pobreza. Os investimentos anuais feitos pelo governo nas áreas sociais – cerca de R\$ 130 bilhões – fazem muito pouco para reduzir a miséria.

Os gastos públicos com educação não se direcionam aos maios carentes. Os orçamentos das maiores universidades federais, por exemplo, correspondem a 0,7% do PIB, mas os pobres nada recebem. Ninguém entre os 40% mais pobres consegue chegar ao curso superior. Mais de 90% das despesas do governo com educação universitária são apropriadas pelos 40% mais ricos. Além disso, 30% das crianças entre 7 e 14 anos, pertencentes aos 20% mais pobres da população, não estão na escola. Esses e outros dados foram citados pelo ministro Malan, num depoimento recente na Comissão da Pobreza, no Congresso Nacional.

A atual fragmentação social se reflete gravemente na atividade educacional e nas escolas pública e privada. Essas se desmoralizaram em seus principais alicerces: professores, com salários aviltantes, sem respeitabilidade e reconhecimento; estudantes desmotivados e desorientados no caminho profissional; ensino médio com pouca flexibilidade, diversidade e contextualização; professores despreparados para uma nova realidade tecnológica; insuficiente interação das universidades com o mercado empresarial; falta de autonomia e de experiência para enfrentar os problemas de gestão que afligem instituições universitárias; currículos ultrapassados; sistemas de avaliação insuficientes. Enfim, não se reconhece a educação como prioridade política e estratégica para um projeto nacional de desenvolvimento.

Definitivamente, vivemos um longo período de luzes e sombras da educação. São talentos e recursos humanos desperdiçados e malogrados no nosso país. Até quando viveremos essa realidade?